

Crítica // O drama ★★★★★

Ricardo Daehn

Diretor de filmes instigantes como *O homem dos sonhos* (com Nicolas Cage) e *Doente de mim mesma* (destacado em Cannes, há quatro anos), o norueguês Kristoffer Borgli salpica algo do caldo escandinavo no novo longa *O drama*, encabeçado pelos astros Robert Pattinson e Zendaya. Um poster do longa de Ingmar Bergman *A paixão de Ana* (1969) — sobre um instável homem que depara com a personagem de Liv Ullmann, abalada pelas mortes de filho e marido em acidente — está disposto na sala de Charlie (Pattinson), em *O drama*.

Enquanto o dinamarquês Joaquim Trier adotou a pílula de amargor nas relações humanas, no recente vencedor do Oscar *Valor sentimental*, e, vindo da Noruega, Dag Johan Haugerud venceu o *Urso de Ouro* no Festival de Berlim, os escandinavos seguem a expressiva renovação em cinema, (indireta) no caso de *O drama*, por se tratar de uma produção norte-americana. Perturbados, e dominados pelo controle de formalidades, o casal Charlie e Emma (Zendaya) se prepara para a cerimônia de seu casamento. No processo, eles contam com o testemunho de seus amigos Rachel (Alana Haim, de *Licorice Pizza*) e Mike (Mamoudou Athie). Numa atitude impensada, de se relatar, numa mesa de celebração, o pior gesto de cada um, todos acabam ilhados num dilema que põe à prova tanto a cumplicidade do casal central quanto filtros sociais que norteiam empatia e boa convivência.

Tão em voga nas redes sociais, os chamados julgamentos recairão sobre Emma (Zendaya que, em cena, se



DIAMOND FILMS/DIVULGAÇÃO

O drama reveste de tensão os preparativos do casamento entre Emma (Zendaya) e Charlie (Robert Pattinson)

Uma CRUZ à beira do abismo

Repleto de humor absolutamente peculiar e de situações tensas, *O drama* traz o diretor Kristoffer Borgli no alto da forma, e ainda conta com as inspiradas interpretações de Robert Pattinson e Zendaya

multiplica entre amável e surpreendente), com apoio da atriz Jordyn Curet, que representa a versão jovem de Emma, a postos para tentar justificar o injustificável. O clima pré-casamento vem a minar relações, e, sim, no plural, antes bem estabelecidas. Poucos seriam capazes de compactuar, ou ser complacente,

com o desandar da boa vibe antes impressa por Emma. A lógica de Charlie vem desestabilizada pelo misto de emoções e do passado em que abusou da condição de ser “um crush” de Emma.

No desenvolvimento de uma linguagem entre o casal, o cineasta abraça o tom e os rituais de encenação tão

corriqueiros entre os sucessores da geração Y. Há referências diretas a cyberbullying, ao discurso Bob Geldof para a autoria do hit *I don't like Mondays* e o filme ainda examina parte do clássico, de Louis Malle, *Lacombe Lucien* (1974), detido no período da resistência francesa e no qual um jovem opta por fortalecer o nazismo. Para fazer valer graça, Borgli ainda brinca com a existência de uma suposta escritora, Harper Elison, responsável pelo best-seller *O estrago*.

Acompanhar as confidências do casal, que transita entre o bonitinho e o peculiar, deixa o espectador com instinto voyeurístico afiado. Com que num trauma, o diretor e roteirista reveste a narrativa com gatilhos altamente eficientes (no mesmo estilo do efeito chiclete daquela música que você tanto odeia). Volúpia e lascívia (que deram trabalho ao personagem de Pattinson, no recente, *Morra, amor*) não fazem cócegas ao que se presencia em *O drama*.

A preparação dos votos, a serem oficializados na cerimônia, titubeia.

Apartados do mar de rosas, o casal suprime atos de compreensão, e se descola da admiração mútua que, antes, investia em confiança, gentileza e empatia. Distanciado da noiva, numa estranha realidade (isso depois do julgamento que ambos fazem de uma DJ, aparentemente, inofensiva), precedida pela catarse, em vômitos, da pretendente, Charlie parece dar passos rumo à força, quando segue para a desconfortável sessão de fotos dos preparativos da festa. Quem coloca o dedo na ferida, aliás, é a anônima fotógrafa do evento: “sorriam (para as fotos), como se estivessem sorrindo na vida real”. O pior (para deleite de quem gosta de humor particular), contudo, ainda está por vir, uma vez que entrará em cena Misha (feita por Hailey Gates, do sucesso *Marty Supreme*). Nada tão ruim que não possa piorar.